

**JUDEUS MESSIÂNICOS EM BELO HORIZONTE-MG:
ALIANÇAS E TENSÕES ENTRE CRENTES EM YESHUA/JESUS**

**JUDÍOS MESIÁNICOS EN BELO HORIZONTE: ALIANZAS
Y TENSIONES ENTRE CREYENTES EN YESHUA/JESÚS**

**MESSIANIC JEWS IN BELO HORIZONTE: ALLIANCES
AND TENSIONS BETWEEN BELIEVERS IN YESHUA/JESUS**

*Cristina Maria de CASTRO**

RESUMO: Este artigo tem como intuito analisar a construção de identidades religiosas judias messiânicas em Belo Horizonte-MG, frente a irmãos de fé evangélicos. O Judaísmo Messiânico, movimento religioso polêmico que ganhou força nos EUA no século XX e vem se difundindo globalmente, reconhece Yeshua (Jesus) como o Messias. O caso belo-horizontino é particularmente interessante por abrigar uma comunidade messiânica que se auto-intitula a maior da América Latina, ao mesmo tempo em que sedia igrejas evangélicas de projeção nacional e uma tradicional e profunda herança cultural católica. Como judeus messiânicos, isto é, judeus que creem em Jesus, definem sua identidade em um contexto tão acentuada e tradicionalmente cristão? Como demarcam suas diferenças? Que alianças e tensões estabelecem com outros atores do campo religioso local? Focaremos aqui o relacionamento estabelecido com o Ministério Diante do Trono. Através de análise de conteúdo de websites, vídeos e perfis em redes sociais, será produzido conhecimento sobre a construção de uma identidade religiosa minoritária de visibilidade crescente.

* Universidade Federal de Minas Gerais – (UFMG), Belo Horizonte – MG – Brasil. Departamento de Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2993-2779>. E-mail: cristinacastro1978@gmail.com.

PALAVRAS-CHAVE: Judaísmo Messiânico. Evangélicos. Israel. Diante do Trono. Identidade.

RESUMEN: *Este artículo tiene como objetivo analizar la construcción de identidades religiosas judías mesiánicas en Belo Horizonte, frente a los hermanos de fe evangélicos. El judaísmo mesiánico, un controvertido movimiento religioso que ganó fuerza en los Estados Unidos en el siglo XX y se ha extendido a nivel mundial, reconoce a Yeshua (Jesús) como el Mesías. El caso de Belo Horizonte es particularmente interesante porque alberga una comunidad mesiánica que se autodenomina la más grande de América Latina, al mismo tiempo que alberga iglesias evangélicas con proyección nacional y una herencia cultural católica tradicional y profunda. ¿Cómo definen los judíos mesiánicos, es decir, los judíos que creen en Jesús, su identidad en un contexto tan acentuado y tradicionalmente cristiano? ¿Cómo demarcan sus diferencias? ¿Qué alianzas y tensiones establece con otros actores del ámbito religioso local? Nos centraremos aquí en la relación que se establece con el Ministerio Diante do Trono. A través del análisis de contenido de sitios web, videos y perfiles en redes sociales, se producirá conocimiento sobre la construcción de una identidad religiosa minoritaria con creciente visibilidad.*

PALABRAS CLAVE: *Judaísmo Mesiánico. Evangélicos. Israel. Diante do Trono. Identidad.*

ABSTRACT: *This article aims to analyze the construction of Messianic Jewish religious identities in Belo Horizonte, Brazil, towards local Protestantism. Messianic Judaism, a controversial religious movement which gained strength in the US in the 20th century and has been spreading globally, recognizes Yeshua (Jesus) as the Messiah. The Belo Horizonte case is particularly interesting because it houses a messianic community which names itself as the largest in Latin America, while it is home to protestant churches with national projection and a traditional and deep Catholic cultural heritage. How do Messianic Jews, that is, Jews who believe in Jesus, define their identity in such an intensified and traditionally Christian context? How do they delimit their differences? What alliances and tensions do they establish with other actors in the local religious field? This article shall focus on the relationship established with the “Ministry Diante do Trono”. Through content analysis of websites, videos and profiles on social networks, knowledge will be produced about the construction of a minority religious identity with increasing visibility.*

KEYWORDS: *Messianic Judaism. Protestants. Israel. Diante do Trono. Identity.*

Introdução

No dia 14 de novembro de 2018, recebi em minha sala de aula na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Minas Gerais, o rabino Uri Lam. Convidado a palestrar para a turma de alunos da disciplina de Sociologia da Religião, o clérigo surpreendeu a todos ao dedicar boa parte de sua fala ao esclarecimento de um “tremendo e inusitado equívoco”. Originário de São Paulo-SP e atuante em Belo Horizonte-MG até então há dois anos, Lam constatou aqui algo que classificou como um fenômeno de intensidade incomparável com outras regiões conhecidas por ele: a grande presença de indivíduos que se consideram judeus e creem em Jesus Cristo como o messias. “Não dá para ser palmeirense e corintiano ao mesmo tempo, não é possível ser judeu e cristão”, disse Lam. Tal evento chamou minha atenção para o fenômeno do Judaísmo Messiânico e para a possível singularidade do caso belo-horizontino. A capital de Minas Gerais tem um campo religioso que destoa, em termos, das outras metrópoles do Sudeste: uma presença mais forte do Catolicismo e o destaque conferido às Igrejas Batista e Quadrangular. A presença de uma comunidade judia messiânica na cidade acrescentaria mais uma distinção ao campo religioso local, uma vez que esta vertente religiosa é rara não só no Brasil, como no mundo.

Neste artigo, será analisada a construção de identidades religiosas messiânicas frente ao contexto local, tradicionalmente católico e hospedeiro de igrejas evangélicas de influência nacional, como a Igreja Batista da Lagoinha. Como os judeus messiânicos, lembrando, judeus que creem em Jesus, definem sua identidade em um contexto tão acentuada e tradicionalmente cristão? Como demarcam suas diferenças? Serão analisadas alianças e tensões com outros atores do campo religioso local, mais especificamente com o Ministério Diante do Trono, ligado à Igreja Batista da Lagoinha. Para tanto, priorizaremos a análise de conteúdo do website da comunidade messiânica, <https://ensinandodesiao.org.br/>, de seu canal do YouTube Ministério Ensinando de Sião e de conteúdos digitais divulgados pelo Ministério Diante do Trono, através de website próprio, <https://diantedotrono.com/> e redes sociais. O intuito é produzir conhecimento sobre a construção de uma identidade religiosa minoritária de visibilidade crescente, além de compreender de forma mais precisa as dinâmicas que movimentam o campo religioso e suas disputas por membresia, uma vez que religiões minoritárias não se encontram neutras neste ponto. O artigo em questão é dividido em quatro partes: introdução, tópico sobre o judaísmo messiânico e seu estabelecimento em Belo Horizonte-MG, seção sobre alianças e tensões entre os messiânicos e evangélicos e, por fim, uma conclusão.

O Judaísmo Messiânico e a comunidade Har Tzion

O Judaísmo Messiânico nasceu de um movimento iniciado na Inglaterra do século XIX, por missionários protestantes que visavam converter judeus. Naquela época, os judeus que aceitavam a mensagem dos missionários eram incorporados à igreja cristã e denominados “hebreus cristãos”, como nos informa Ferreira (2019). Uma entidade chamada *Hebrew Christian Alliance* foi criada e, posteriormente, transplantada para o outro lado do oceano, alocando-se nos Estados Unidos da América (EUA). Conquistas e rupturas marcaram sua história em ambos os países. Em 1975, nos EUA, a *Hebrew Christian Alliance* mudou de nome através de uma votação realizada entre seus membros: o movimento passou a se intitular Judaísmo Messiânico. Não foi só o nome que mudou, sua postura em relação aos cristãos e ao cristianismo também:

Nos anos que se seguiram, os judeus messiânicos foram paulatinamente se distanciando de elementos que passaram a identificar com o cristianismo. Retornando no tempo e na história, eles, que outrora haviam sido parte de igrejas cristãs, passaram a se identificar com os apóstolos e com os primeiros judeus seguidores de Cristo do período anterior à institucionalização do cristianismo. (FERREIRA, 2019, p.18).

Estes, assim como o próprio Cristo, nasceram judeus e assim permaneceram durante toda a vida. Os Evangelhos cristãos seriam uma continuação da Bíblia hebraica, não havendo contradição em afirmar-se judeu e crente em Cristo, explica Travassos (2014). No entanto, não há documentos que comprovem a existência destes seguidores de Cristo que teriam permanecido judeus ao longo da história (TRAVASSOS, 2014) e, por isso, academicamente, se define o início do Judaísmo Messiânico a partir do movimento acima mencionado advindo do século XIX.

O Judaísmo Messiânico vem crescendo consideravelmente no mundo e preocupando os judeus tradicionais. (KOLONTAI, 2004). O Brasil não é exceção. Em 1951, a primeira sinagoga judaica messiânica brasileira é inaugurada na cidade de São Paulo-SP, por um missionário estadunidense, Emanuel Woods. Segundo Travassos (2014) há sinagogas judaicas messiânicas em cada capital do Sudeste, além de Manaus-AM, Salvador-BA, Itabuna-BA e Curitiba-PR. Em Belo Horizonte-MG, encontra-se a mais numerosa e mais atuante comunidade do tipo em solo brasileiro: a Congregação Har Tzion (TRAVASSOS, 2014). Autointitulada a maior da América Latina, conta com uma sinagoga, em frente ao Estádio do Mineirão, fundada em 1997. Seu fundador, o rabino Marcelo Miranda Guimarães, ainda teve papel central na criação e gerenciamento do Ministério Ensinando de Sião (1996), da Associação

Brasileira dos Descendentes de Judeus e Cristãos Novos da Inquisição (2000) e do Museu da História da Inquisição do Brasil (2012).

A própria trajetória do rabino diz muito sobre o perfil da comunidade messiânica local e dos caminhos percorridos em direção à legitimação. Nascido em uma família de judeus assimilados, que tinha vergonha de sua origem, cresceu assistindo os parentes desempenharem atividades associadas aos judeus forçados à conversão ao cristianismo, na época da Inquisição. Hábitos cotidianos como varrer a casa de dentro para fora e lavar os defuntos, segundo ele. Frequentou seminário católico, a partir dos 11 anos, e estudou teologia na Igreja Batista, já adulto, quando percebeu que o catolicismo não atendia as suas necessidades, até que um dia, leu sobre a possibilidade de ser judeu e acreditar em Jesus e se encantou com o Judaísmo Messiânico. Neste momento, aquilo que era causador de vergonha, passou a ser motivo de orgulho e honra e procurou conhecer melhor suas origens. Contratou a empresa estadunidense *Family Tree* e fez uma análise de seu DNA, “comprovando” a origem judaica de sua família. Bnei Anussim, ou, “os filhos dos forçados”, costumam apelar para testes de DNA ou estudos genealógicos para comprovar sua origem judaica, assim como o rabino Guimarães. Nem todos têm poder aquisitivo para tanto, é verdade, mas esta estratégia é significativa e traz algo de novo para o campo: em face ao não reconhecimento de seu caráter judaico pela ortodoxia, criaram novas estratégias para garantir reconhecimento e legitimidade, ainda que apenas entre seus pares (TRAVASSOS, 2014). Além da estratégia biológica, há a justificativa histórica: sobrenomes típicos de cristãos novos e hábitos familiares que comprovariam a descendência dos judeus forçados que aqui chegaram no século XVI. Tudo para legitimar a identidade judaica quando a matrilinearidade exigida pelos judeus tradicionais não pode ser provada (TRAVASSOS, 2014). Segundo a Halachá, a tradição legal judaica, são considerados judeus todos aqueles nascidos de mãe judia ou convertidos segundo ritual específico. (GALINKIN, 2008) O que pleiteiam os judeus messiânicos, bate de frente com estes requisitos.

No site da comunidade vemos o seguinte texto, extraído do artigo “Quem Somos”:

No caso do Brasil e de outros países que receberam grande contingente imigratório de judeus do período da Inquisição (1492 a 1821), quer na condição de “Convertidos Forçados ao Catolicismo” (conhecidos como Anussim ou Marranos ou Cristãos-Novos), quer como Cripto-judeus faz-se necessário dar a esses que desejam restaurar as raízes judaicas de seus ancestrais uma condição especial de retorno. Hoje, Israel e várias entidades internacionais já trabalham a favor da inclusão desses descendentes à Casa de Israel. Além de ser profético, nós do movimento Judaico-Messiânico lutamos que para não seja imposto a eles nenhum tipo de conversão ao judaísmo tradicional e que seu direito de crença em Yeshua

como o Messias seja respeitado. Eles são judeus e têm direito ao retorno à sua terra. (ZANDONA, 2021b, n.p.).

Os judeus messiânicos que se percebem como Bnei Anussim alegam que não precisam de conversão pois não têm culpa de seus antepassados terem sido forçados a abandonar a religião, como mostra o antropólogo Lins (2013). Além deles, alguns poucos judeus tradicionais compõem a comunidade, formada ainda pelos gentios, isto é, não judeus, bem-vindos para louvar a Deus, junto com os judeus, como acontecia na época de Cristo. Não há intenção de converter aqueles que não têm ascendência judaica. Cristãos frequentadores da sinagoga messiânica devem participar das celebrações e viver sua fé exatamente como são: gentios. Um judeu tradicional que abraça o judaísmo messiânico, por sua vez, é visto como alguém que encontrou a forma mais completa de ser judeu, na visão messiânica. Não seria exatamente uma conversão, assim como o Bnei Anussim também não seria um converso, mas, antes, um retornado. (TRAVASSOS, 2014)

Se o cristão descobre sua origem judaica, deve atentar para deveres irrevogáveis de seu pertencimento étnico, para não rejeitar o chamado divino, como aprendemos ao ler o artigo “Apelo aos marranos e cristãos novos”:

Se o leitor for um cristão e descobrir com certeza suas raízes judaicas, ele deve segundo a própria Bíblia, continuar crendo em Yeshua, porém, restaurar suas raízes, quanto ao seu estilo de vida, pois lembremo-nos que o Eterno tem um chamado irrevogável para os da casa de Israel e que nas Escrituras encontramos uma série de mandamentos, estatutos e ordenanças específicos para o povo hebreu. Yeshua, Paulo, os apóstolos e os discípulos viveram na Graça da Nova aliança, mas sendo fiéis e zelosos em relação a todos mandamentos da primeira aliança, não revogada por Yeshua (Mt 5:17); Se você sendo descendente de judeus dizer não a esta restauração, não estaria indiretamente dizendo não ao chamado irrevogável de D-us para os da Casa de Israel? (GUIMARÃES, 2012b, n.p.).

Infelizmente, não há pesquisas ou estudos sistemáticos que nos ofereçam números confiáveis sobre os judeus messiânicos no Brasil (TRAVASSOS, 2008). Em 2019, a comunidade Har Tzion possuía mais de 600 membros, de acordo com seu diretor, o rabino Matheus Zandona (2019b), filho do fundador da comunidade, Marcelo Guimarães. O caráter minoritário também estaria presente no mundo como um todo, onde somariam cerca de um milhão de pessoas, segundo Zandona (2021a). No Censo brasileiro, entram na categoria judeus, que conta com pouco mais de cento e sete mil pessoas ao longo de todo o território nacional. Segundo a Federação Israelita de Minas Gerais, há cerca de quatro mil judeus residentes no Estado, ou oitocentas famílias e dez entidades, a maioria localizada na capital do estado.

Nenhuma das entidades citadas é messiânica: Federação Israelita do Estado de Minas Gerais (fundada em 1964), Associação Israelita Brasileira (clube recreativo fundado em 1953), Congregação Israelita Mineira (fundada em 1996, de culto liberal), Escola Theodor Herzl (fundada em 1961), União Israelita de Belo Horizonte (fundada em 1922, Wizo (estabelecida em Belo Horizonte em 1945), Pioneiras (criada na cidade em 1960), movimento juvenil Habonim Dror, Sociedade Amigos do Beit Chabad (1986), além do Instituto Histórico Israelita Mineiro (IHIM), fundado em 1984 (CONIB, 2019). Como os judeus messiânicos não gozam do reconhecimento dos demais judeus, se tornam invisíveis nos levantamentos feitos pela comunidade judia tradicional.

Ainda assim, a Congregação Har Tzion tem seu prestígio reconhecido por judeus messiânicos no Brasil e no exterior. Matheus Zandona foi convidado para atuar como Diretor Internacional do Netiyah Bible Instruction Ministry, dos EUA e Diretor Regional da Union of Messianic Jewish Congregations, duas organizações de grande relevância para os judeus messiânicos mundo afora.

Alianças e tensões entre crentes em Jesus/Yeshua

A crescente apropriação de símbolos e elementos judaicos por evangélicos, sobretudo pentecostais e renovados (TOPEL, 2011; CARPENEDO, 2017, JOVEGELEVICIUS, 2018, COSTA, 2017, BARBOSA, 2017, MAYNARD, 2016), pode contribuir para uma maior visibilidade do Judaísmo Messiânico no Brasil. Enquanto as comunidades judaicas tradicionais se mostram pouco receptivas aos cristãos interessados em conhecer mais sobre o Judaísmo, “a religião de Jesus”, os judeus messiânicos veem a participação de gentios em seus rituais como inerente a sua fé, uma espécie de resgate do cristianismo primevo. (FERREIRA, 2019) Um dos bastiões do catolicismo no Brasil, Minas Gerais também hospeda igrejas evangélicas de expressão nacional, que vem aproximando-se do Judaísmo e de Israel, em um contexto de forte influência transnacional. Há dez anos, Marta Topel (2011, p.106) publicou um artigo sobre a incorporação de símbolos e rituais judeus em diversas correntes evangélicas brasileiras, alegando que até então, não havia pesquisas sobre o fenômeno no país, “embora tenha crescido e se aprofundado no Brasil na última década”. Durante as últimas eleições, com o protagonismo evangélico, a aproximação deste grupo com o Judaísmo e com Israel passou a chamar muita atenção da mídia. Para agradar aos eleitores evangélicos, Jair Messias Bolsonaro prometeu mudar a embaixada brasileira de Tel Aviv para Jerusalém, a despeito da histórica e profícua parceria comercial e política com os países árabes, trazendo consternação e perplexidade. O conhecimento de crenças e práticas religiosas, informadas e alimentadas por fluxos transnacionais, ajuda a compreender a aproximação dos evangélicos em

relação aos judeus e à Israel. De acordo com Topel (2011), a explicação passa por uma doutrina criada nos EUA no início do século XIX, chamada de dispensacionismo. Segundo ela, os cristãos devem apoiar o Estado judeu nas terras de Israel porque o mesmo constitui um pré-requisito para a nova vinda de Jesus e início de seu reinado messiânico. A análise do discurso de pastores e bispos de diferentes denominações neopentecostais através da TV e de sites na internet e a conversa com pastores das igrejas Presbiteriana e Adventista do Sétimo Dia permitem esboçar a hipótese de que quase todas as igrejas neopentecostais, como parte das correntes do protestantismo histórico brasileiro, defendem a visão escatológica brevemente explicada, diz Topel (2011).

Em Minas Gerais, há diversos exemplos de aproximação dos evangélicos com o Judaísmo. Inicialmente serão apontados acontecimentos retirados da esfera política, encontrados em Aleixo (2019). No âmbito municipal, pode-se citar, entre outros, o caso do vereador Juliano Lopes, membro da Igreja Batista Central do Barreiro. Autor do PL n. 879/2013 que instituiu o “Dia Municipal em Memória das Vítimas da Inquisição no Brasil”, com a aprovação da Lei 10.805, de 11 de março de 2015. Vereadores de outras denominações evangélicas também propuseram moções pontuais dedicadas ao judaísmo. Como o bispo iurdiano Chambarelle em 2008 e o membro assembleiano Mohamed Rachid em 2012, respectivamente, pelos 60 anos da criação do Estado de Israel e pelo Dia Municipal da Imigração Judaica dirigida à Federação Israelita do Estado de Minas Gerais. Por fim, aponta-se o caso do vereador Fernando Borja, pastor da Igreja Batista da Lagoinha que, por meio do PL 105/2017, ainda em tramitação e aguardando apreciação 6 do plenário, visa instituir o Dia Municipal em Memória das Vítimas do Holocausto em Belo Horizonte-MG.

Com relação ao judaísmo messiânico em particular, é possível identificar estreitas relações de parlamentares batistas com o rabino messiânico Guimarães. O deputado estadual João Leite, membro da Igreja Batista Central é inclusive chamado pelo rabino de “amigo de décadas”. Um dado interessante, que mostra o prestígio gozado pelo líder judeu messiânico junto ao governo estadual, vale a pena ser citado. Em abril de 2019, o governador Romeu Zema conferiu ao rabino Guimarães, identificado como “diretor do Museu da História da Inquisição”, a Medalha da Inconfidência, enquanto o agraciado com a maior honraria, o Grande Colar da Inconfidência, foi o atual Presidente da República.

No artigo “O novo presidente do Brasil”, o rabino Zandona (2018) celebra a posse de Bolsonaro enfatizando a união do povo crente em Jesus e o apoio daquele a Israel:

Hoje celebramos não apenas a vitória de um candidato à presidência de nossa nação. Comemoramos também a queda de um sistema, de uma ideologia perversa que manteve nosso país refém por vários anos, talvez décadas. Agradecemos

ao Eterno pois não teremos mais um governo que se alinha com os inimigos de Israel, nem que se esforça para negar a Lei de Deus em uma nação onde 90% da população professa crer no Deus dos Escritos Sagrados através do Seu Ungido. Mas a guerra está longe de terminar. Agora, terá início uma nova e desafiante batalha para arrancar as rúbeas e profundas raízes que cresceram em nosso país ao longo dos anos, cegando gerações e dividindo o seu povo. Oremos para que nosso novo líder conduza a nação sendo fiel aos princípios e valores divinos que jurou defender, pois o povo que o elegeu depositou nele grande esperança ao ouvi-lo declarar as palavras do maior rabino que o mundo já conheceu: ...e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará! (ZANDONA, 2018, n.p.).

A aproximação dos evangélicos ao Judaísmo e a Israel também é facilmente comprovada quando analisamos a presença de elementos judaicos nos rituais e performances das principais igrejas evangélicas da capital mineira. Batistas e Quadrangulares se destacam no campo religioso belo-horizontino, diferentemente do que ocorre nos demais estados do Sudeste. Promoção de viagens à Israel, assim como a condução de correntes de oração e produção audiovisual com abundantes referências à Terra Santa são algumas das iniciativas perpetradas pelas vertentes religiosas acima mencionadas. A Igreja Batista da Lagoinha, por exemplo, oferece desde 2011 a Caravana Diante do Trono para Israel e região, para incentivar viagens a lugares sagrados e “fomentar o reconhecimento da relevância da cultura judaica”. (ROSAS, 2015, p. 22).

Não há em Belo Horizonte exemplos de magnitude comparável à construção iurdiana do Templo de Salomão presente na capital paulista (COSTA, 2017; BARBOSA, 2017), mas a “judaização” de igrejas evangélicas pentecostais e renovadas locais é uma realidade inegável. Os dados expostos a seguir são bastante elucidativos e tem como foco a Igreja Batista da Lagoinha (IBL), através de alguns de seus célebres representantes, vinculados ao ministério Diante do Trono. A IBL é uma igreja batista renovada, a maior instituição religiosa evangélica da capital mineira e casa de um projeto bem-sucedido empreendido pela pastora Ana Paula Valadão. A pastora é líder e fundadora de um ministério que tem como missão levar o louvor a Deus aos confins da terra. Hoje, inclusive, esta tem residência nos Estados Unidos da América, mas continua em constante contato e cooperação com a IBL. A princípio, suas ações voltam-se para a música. Cantora e compositora responsável pela maior parte das músicas da banda Diante do Trono, ela é uma celebridade do mundo gospel. Já vendeu mais de 15 milhões de discos e seus shows chegam a reunir dois milhões de pessoas. A música é só uma das atividades do Ministério liderado por Ana Paula. Há ainda uma série de iniciativas envolvendo as já mencionadas caravanas para Israel, além de grife de roupas e acessórios, congressos, cultos e até bíblias com o nome do Diante do Trono.

Em fins de 2020, em plena pandemia, foi anunciada a Escola Diante do Trono¹. Uma nova ferramenta on-line criada para disponibilizar aulas semanais através de vídeos (e posteriores transcrições das palestras) protagonizados pela pastora Ana Paula Valadão e por seu esposo. O acesso ainda é restrito para pessoas munidas de convite. De qualquer forma, o público já é bem numeroso. Na aula 31, intitulada “Israel, o que eu tenho a ver com isso?” os pastores mencionam a participação de três mil pessoas assistindo a aula ao vivo. Neste evento, cuja transcrição cito abaixo, os pastores se preocupam em mostrar a centralidade de Israel em sua fé cristã. Diz Ana Paula:

Então nosso Salvador era judeu e a sua linhagem humana vem de Israel e também todas as suas promessas, todas as bênçãos que nós herdamos por causa de Cristo, como gentios enxertados nessa bênção, precisamos reconhecer que elas vieram a partir do povo de Israel. Tem uma frase, Gustavo, que muitas vezes nós brincamos e dizemos: ‘Tudo na minha fé cristã é judaica (sic), só eu é que não sou’. (ESCOLA DIANTE DO TRONO, AULA 31, p.2).

Israel é importante para os cristãos não só pelo **passado**, mas também pelo **futuro**: o fim dos tempos e a nova vinda do Messias depende dele, como Topel (2011) nos informou. De Israel, Jesus governará o mundo e os judeus se curvarão a ele. A presença e crescimento dos judeus messiânicos é comemorada pelo casal de pastores, como uma boa nova, um passo certo em direção às mudanças que precisam acontecer para a chegada do Cristo:

(...) é muito interessante o crescimento, a multiplicação das congregações judaico-messiânicas ao redor do mundo, judeus crentes em Yeshua, em Jesus, como Salvador e muitos deles, inclusive, estavam entre as nações ainda espalhados e haviam deixado de praticar o judaísmo porque acreditavam que para ser crente em Jesus tinha que ser cristão e não judeu, e há um movimento nos nossos dias de restaurar, esse entendimento de que, quando um judeu se converte a Yeshua, crê em Yeshua, ele não precisa deixar de ser judeu e estão nascendo cada vez mais congregações judaico-messiânicas que mantêm os seus costumes... E os estudos, os números mostram que pela primeira vez na história, o número de judeus crentes em Yeshua está semelhante ao número de judeus do primeiro século (que acreditavam em Jesus). (ESCOLA DIANTE DO TRONO, AULA 31, p.11).

¹ Agradeço imensamente à Profa. Nina Rosas por ter me informado sobre esta nova iniciativa e por me mostrar a Aula 31, a respeito da relação dos evangélicos com Israel.

Caberia aos cristãos, abrir os olhos dos judeus, para que estes reconheçam Jesus, inclusive viajando para Israel para executar esta tarefa:

Então, o que você tem a ver com Israel e o Fim? Entendendo que a salvação do povo judeu está associada ao Fim da História você pode e deve orar, soprar, profetizar o Espírito de vida, liberando esse entendimento da salvação, como o próprio Espírito te orientar, indo à Israel muito mais do que como turismo mas como um intercessor, como um adorador que rasga os céus... (ESCOLA DIANTE DO TRONO, AULA 31, p.12).

Em 2017, foi realizado o Congresso Diante do Trono em Israel e lá, Ana Paula Valadão recebeu o rabino messiânico Marcelo Guimarães e seu filho, Matheus Zandona. No website do Ministério Diante do Trono foi dito que o ponto alto da noite do dia 14 de abril daquele ano foi proporcionado pelo famoso messiânico belorizontino: “Se pudéssemos eleger o ápice do bate papo seria na fala do Rabino messiânico Marcelo: ‘O meu judaísmo só melhorou quando eu me converti a Jesus’” (LIMA, 2017, n.p.). Da mesma forma, o evento foi notificado e comemorado no website messiânico:

(...)a cerimônia foi uma data memorável ao fato de “abraçar” o propósito do Ministério: a restauração das raízes judaicas da fé. O Eterno deseja que todos os Seus filhos possuam amor por Israel e, após esse precioso encontro, a esperança em uma união entre a Igreja e Israel foram renovadas e revigoradas com muita fé e amor em um só messias: Yeshua. (ZANDONA, 2017b, n.p.).

Evangélicos podem ser “amigos”, um apoio, não só a Israel, mas aos judeus messiânicos em particular. Inclusive, há menções de incentivo a apoio econômico dos messiânicos, por parte dos evangélicos, algumas bem singelas como essa aqui, publicada no Instagram da pastora Ana Paula Valadão: “Quando vier a #Israel peça sua agência para vir com a operadora de turismo #SarEl porque é a única formada por judeus messiânicos, ou seja, que creem em #Yeshua #Jesus, e assim você ajuda aos irmãos na fé que precisam tanto nessa terra onde ainda são minoria!” (VALADÃO, 2015, n.p.).

Porém, nem só de alianças e cooperação são constituídas as relações entre judeus e cristãos e entre judeus messiânicos e evangélicos em particular. Há tensões e tentativas de demarcação de fronteiras entre os grupos. A maneira como os judeus messiânicos se referem ao Cristo pode ser interpretada como um sinal de distinção propositalmente apresentado em relação aos cristãos. Diz Travassos (2008):

Os judeus messiânicos, quando se referem a Jesus Cristo, usam sempre seu nome hebraico, Yeshua, nunca usam o nome latinizado. Importante pista para entendermos como os membros desta religião entendem o messias cristão. A doutrina do judaísmo messiânico baseia-se na concepção de que Jesus Cristo é o messias esperado e esse salvador não criou uma nova religião. (TRAVASSOS, 2008, p.81).

No website da comunidade judia messiânica, há um interessantíssimo e objetivo tópico intitulado “o que não somos”. Nele, lê-se:

Devido a multiplicação e diversificação de grupos messiânicos, simpatizantes do movimento, Igrejas que adotam símbolos judaicos e movimentos parecidos em território nacional e na América Latina, o Ministério Ensinando de Sião sente-se na obrigação de definir sua dimensão ministerial ante a comunidade em geral, para que não haja dúvidas a nosso respeito. 1) NÃO PERTENCEMOS A NENHUM MOVIMENTO CRISTÃO “RESTAURACIONISTA” nem “SABATISTA. (ZANDONA, 2019a, n.p.).

Em notícia divulgada no mesmo site, com o título “Esperando nosso messias judeu”, lê-se:

O que tenho visto, salvo raras exceções, é muito modismo evangélico estranho à palavra de Deus. Será que isto que temos visto por aí tem contribuído a favor da qualidade e maturidade espiritual de seus membros? Agora, quando os judeus-messiânicos desejam voltar às suas raízes, desinfetando-se dos conceitos, tradições e influências de um mundo pagão, ou quando querem voltar ao contexto judaico das Escrituras ou explorar as riquezas da língua bíblica hebraica, ou do pensamento e cultura do povo judeu preservados ao longo da história, estariam eles judaizando a Igreja? São cegos e injustos aqueles que assim agem, julgam, escrevem e dizem. (GUIMARÃES, 2014, n.p.).

No artigo “O relacionamento entre judeus e gentios na igreja do primeiro século”, presente no mesmo website, é dito:

Às vezes nos deparamos com uma situação que é muito comum hoje em dia, entre as chamadas “igrejas evangélicas”: a variedade de doutrinas. Me pergunto então como pode isto ser sendo um só o nosso ensinamento, uma só a nossa bíblia e um só o nosso Senhor. Em muitas igrejas da atualidade vemos tradições e costumes que, se comparados com a palavra, estão totalmente fora da vontade de Deus. E se tentamos nos levantar contra tais tradições, com base nas escrituras, para levar a verdade para os que estão enganados, somos quase “apedrejados” pelos mesmos. (GUIMARÃES, 2012a, n.p.).

A aproximação entre judeus e evangélicos leva a uma necessidade maior de demarcar as fronteiras existentes entre eles, principalmente no que toca aos judeus messiânicos que ainda compartilham com os cristãos a crença em Jesus como messias. O trecho abaixo, retirado de um blog nativo evidencia tal problema:

Pastores estão abrindo portas de novas religiões evangélicas com características judaicas messiânicas, se intitulam judeus mas não são reconhecidos como tal. O propósito é diverso, ter um ganho rentável, ser famoso, corrigir erros do passado devido a abertura de religiões que fracassaram. Esses líderes estudam o judaísmo messiânico, porém não procuram ter a humildade de procurar as comunidades de judeus messiânicos já existentes, que foram fundadas por judeus naturais. (JUDEUS MESSIÂNICOS-BRASIL, 2012, n.p.).

Jovegelevicius (2018) alega que o capital simbólico de um grupo irrelevante numericamente no Brasil, como os judeus, é utilizado para construir a legitimidade dos evangélicos e renovar seu perene esforço de diferenciação em relação aos católicos. Adicionalmente, muitos evangélicos creem em uma conversão em massa de judeus ao cristianismo com a segunda e última vinda de Cristo, algo frequentemente ignorado pelos judeus. (TOPEL, 2011).

Ainda assim, com tantas vantagens aparentes em se associar ao judaísmo, não existe um consenso no universo evangélico, a respeito de tal intercâmbio. Jovegelevicius (2018) cita um exemplo bastante interessante, oferecido pelo pastor batista Ednilson Correia de Abreu, crítico da judaização evangélica no Brasil como uma violência cultural:

Olhando para as escrituras que é onde devemos de fato buscar o discernimento para tudo isso vamos encontrar um fato extraordinário ligado ao dia de pentecostes que joga por terra qualquer justificativa dessa judaização da igreja hoje ou em qualquer tempo. No dia da vinda do Espírito conforme Atos 2.1-13 está registrado o fato de que haviam representantes dos povos partos, medos, elamitas, gente da Mesopotâmia, da Judéia, Capadócia, Ponto, Ásia, Frígia, Panfília, Egito, Líbia, romanos, cretenses, árabes e que todos estes ouviram os crentes judeus falarem as maravilhas de Deus não em hebraico, mas em suas próprias línguas. (...). Os que fazem isso [judaizar prática ou teoricamente a igreja] estão se esquecendo que no pentecostes a igreja já se universalizava, e que o Espírito Santo levou a igreja, que nascera em berço judaico, a se tornar gentílica e, portanto, mundial. A cultura judaica nunca foi referendada como a cultura prevalecente sobre as outras culturas onde o evangelho haveria de chegar, se assim fosse teríamos todos de falar hebraico e viver como judeus mesmo. (JOVEGELEVICIUS, 2018, p.10).

O posicionamento defendido pelo pastor Ednilson Abreu não parece encontrar muitos ecos entre as lideranças evangélicas mineiras. Quais seriam as especificidades do contexto local? O que Minas oferece para a compreensão do fenômeno da construção de identidades judias messiânicas? No website do Museu da História da Inquisição do Brasil é dito que Minas Gerais é o Estado brasileiro que apresenta a maior concentração de descendentes de cristãos-novos do país. Uma herança do Ciclo do Ouro iniciado no século XVIII por bandeirantes portugueses cristãos-novos, como Fernão Dias Paes Leme, Antonio Raposo Tavares, Manuel Borba Gato, entre outros (GUIMARÃES, 2015b, n.p.). Não parece exagero supor que a construção identitária do judaísmo messiânico no Brasil contemporâneo envolve um resgate das perseguições sofridas pelos cristãos novos durante o Ciclo do Ouro em Minas, além da região Nordeste², onde também destacaram-se.

As tensões e alianças dos judeus messiânicos em relação a outros atores do campo religioso local são alimentadas por fluxos transnacionais de pessoas, ideias e materiais. Ao analisar o website do Ministério Ensinando de Sião, que assiste a sinagoga Har Tzion, pode-se vislumbrar os principais vínculos transnacionais estabelecidos. Estados Unidos da América e Israel apresentam-se como os grandes centros auferidores de legitimidade e reconhecimento, como mostra a passagem abaixo:

O Ministério Ensinando de Sião é filiado ao Netivyah Bible Instruction Ministry (Jerusalém, Israel – www.netivyah.org) e reconhecido pela Union of Messianic Jewish Congregations (UMJC, EUA – www.umjc.org), pelo Messianic Jewish Bible Institute (MJB, EUA – www.mjbi.org), pela Tikkun International Mission (Israel e EUA – www.tikkunministries.org) e pelo Jewish Voice Ministries International (EUA – www.jewishvoice.org), dentre outras federações e entidades judaico-messiânicas internacionais reconhecidas em Israel e nos Estados Unidos da América. (ZANDONA, 2021b, n.p.).

O líder Marcelo Guimarães foi ordenado rabino pelo Netivyah Bible Instruction Ministry (Jerusalém, Israel), com a participação da Union of Messianic Jewish Congregations (EUA), do Jewish Voice Ministries International (EUA) e do Messianic Jewish Bible Institute (EUA). Ordenado para o ministério apostolar pelo Tikkun International Mission (Israel e EUA). O apoio e alinhamento entre EUA e Israel refletem na comunidade messiânica belorizontina, a partir de posicionamentos políticos bem definidos. No vídeo “Jerusalém e a hipocrisia do Ocidente”, o rabino Zandona (2017a) cumprimenta Donald Trump por reconhecer uma verdade de mais

² Recomendamos o documentário *Estrela Oculta do Sertão* (2005), dirigido por Luize Valente e Elaine Eiger, para melhor conhecer a presença dos descendentes de cristãos novos na região Nordeste do país.

de 3 mil anos ao transferir sua embaixada para Jerusalém, alçando-a ao status de capital, no ano de 2017.

Em outro vídeo, publicado 4 anos depois, “Israel não está sozinho”, Zandona (2021a) afirma que os cristãos estão se voltando para Israel e seu povo (os judeus) nestes últimos anos devido à influência de Cristo e não de um rabino ou de um político. Interessante observar que este vídeo é de 29 de junho de 2021. Neste momento, Trump já não é mais presidente dos EUA e Bolsonaro se encontra bastante decadente em termos de aprovação pública. Cristo seria o grande responsável por tocar os corações dos crentes para que estes restaurassem sua ligação com as promessas, alianças e bençãos concedidas ao povo de Israel e aos demais que abraçaram sua mensagem. Os judeus messiânicos já seriam um milhão de indivíduos em todo o mundo! Os cristãos, por sua vez, não precisariam se converter para o judaísmo. Mais do que isso: seria desaconselhável um cristão se converter ao judaísmo porque, se assim o fizesse, estaria afirmando que a obra de Yeshua não teria sido suficiente. “Se um cristão precisa se converter ao Judaísmo, isso significa que Yeshua não é Deus de todas as nações, mas apenas dos judeus” (ZANDONA, 2021a). Ao mesmo tempo, Zandona (2021a) garante que os cristãos não querem converter os judeus. Diz que os cristãos os amam, amam Israel e que sabem hoje que são coerdeiros da promessa e das bençãos de Deus ao povo judeu.

Conclusão

Estabelecida em Belo Horizonte há 24 anos, a Congregação Har Tzion mostra uma história repleta de conquistas e realizações, com repercussões nacionais e internacionais. A mais atuante e numerosa comunidade messiânica do país resplandece no seio de um dos bastiões do catolicismo brasileiro e sede de importantes igrejas evangélicas. Em um contexto tão tradicionalmente cristão, o líder messiânico Marcelo Guimarães afirma “O meu judaísmo só melhorou quando eu me converti a Jesus”. (LIMA, 2017, n.p.). A força do cristianismo ajuda a alimentar o sucesso messiânico no território mineiro, como exemplifica a própria história de seu fundador.

Por outro lado, Minas apresenta a maior concentração de descendentes de cristãos-novos do país, segundo o site do Museu da História da Inquisição do Brasil, fundado pelo rabino Guimarães. Uma consequência do Ciclo do Ouro iniciado no século XVIII por bandeirantes cristãos novos de origem portuguesa. Segundo Guimarães (2012b, n.p.), cabe aos Bnei Anussim, isto é, os descendentes de judeus forçados à conversão, retornarem à identidade judia e assumirem seu lugar e papel destinados por Deus. A Congregação Har Tzion incentiva e apoia este retorno em um contexto onde o Judaísmo vem sendo valorizado e “divulgado” intensamente entre os evangélicos, tanto pentecostais quanto renovados. Em mais uma etapa da

batalha em prol da diferenciação em relação ao Catolicismo, evangélicos fazem uso do Judaísmo e de seus símbolos de modo a garantir prestígio e reconhecimento, como mencionado anteriormente. (JOVEGELEVICIUS, 2018).

Os judeus são vistos como um povo de perfil socioeconômico e educacional privilegiado. Em um país tão desigual quanto o nosso, pode ser bastante atraente resgatar/construir uma identidade judaica. O fundador da Congregação Har Tzion e do Museu da Inquisição é também o responsável pela criação da Abradjin, Associação Brasileira dos Descendentes de Judeus da Inquisição. Através dela, luta pelo direito à cidadania portuguesa aos judeus expulsos na época da inquisição e à cidadania para a “única nação judaica do planeta”: Israel (GUIMARÃES, 2015a, n.p.). Tais iniciativas podem aumentar ainda mais o valor deste resgate histórico familiar e étnico.

O Judaísmo Messiânico visa o resgate de descendentes de judeus forçados a abandonar sua fé e o reconhecimento de Yeshua por parte dos judeus tradicionais. Não almeja a conversão de cristãos. Este é um ponto fundamental, uma vez que faz parte dos ritos de fé messiânicos o compartilhamento das bênçãos e devoções com seus irmãos cristãos, cordeiros da mensagem. Se o cristão se converter ao judaísmo, estará afirmando a insuficiência da obra de Cristo, como nos alertou o rabino Zandona. Mas, o cristão que tem a certeza de sua origem judaica deve assumir-se judeu (messiânico) e obedecer aos mandamentos e obrigações próprias do povo eleito.

As lideranças evangélicas observadas mais atentamente neste artigo, no caso, Ana Paula Valadão e seu ministério, o Diante do Trono, também não defendem a conversão de cristãos ao judaísmo. Como afirmou Ana Paula, “tudo na minha fé cristã é judaica (sic), só eu é que não sou”. Elementos da fé judaica conferem prestígio, poder simbólico (Bourdieu, 1989), para estes evangélicos, que aproveitam todas as oportunidades para se ligarem à Israel e a seu povo. No entanto, **permanecem evangélicos**. Na realidade, oram pelo reconhecimento de Cristo como Messias pelos judeus, inclusive defendendo a ida dos seus seguidores para Israel com fins de atingir este objetivo.

Manter as fronteiras para não perder adeptos é fundamental e ambos veem isso. Alianças e apoio são oferecidos e pedidos, mas as demarcações da diferença permanecem. É curioso atentar para a fala do rabino Zandona (2021a) no vídeo quando ele diz que os cristãos amam Israel e os judeus porque hoje têm consciência do compartilhamento da mensagem e das bênçãos com o povo escolhido, não desejando convertê-lo ao cristianismo. Esta afirmação só faz sentido ao ser dita por um judeu messiânico, isto é, alguém que acredita ser possível permanecer judeu acreditando em Cristo como o Messias.

Israel e EUA tem papel central neste quebra-cabeças identitário que aproxima e afasta os crentes em Yeshua/Jesus em Minas Gerais. Como vimos, organizações

messiânicas presentes em ambos os países são responsáveis por conferir ensino teológico e legitimação aos messiânicos belo-horizontinos. Israel e seu povo, por sua vez, são centrais para os evangélicos influenciados pela corrente teológica estadunidense do dispensacionalismo que prevê uma segunda e última vinda do Cristo em Israel, de onde conduzirá seu reinado messiânico. O Diante do Trono e sua líder Ana Paula Valadão deixam claríssima a adesão a tal corrente na Aula 31 da Escola Diante do Trono, mencionada neste artigo. Donald Trump e Bolsonaro, por sua vez, são apoiados tanto por messiânicos quanto pelo Diante do Trono ao abraçarem o Estado de Israel e seu povo com iniciativas ou promessas políticas de suporte. Com a saída de Trump do poder e a derrocada de Bolsonaro nas pesquisas de aprovação popular, porém, já visualizamos mensagens onde não se enfatiza mais o apoio de políticos, direcionando a atenção para aquele que seria o **verdadeiro** responsável por tocar os corações cristãos e levá-los a apoiar Israel e seu povo: Yeshua!

REFERÊNCIAS

ALEIXO, Vitor C. **Relatório de Pesquisa** – Ativismo evangélico em Minas Gerais. Departamento de Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.

BARBOSA, Carlos A. C. **Jerusalém é aqui!** Espaços de disputa e jogo de poder: o Templo de Salomão da IURD. Orientador: Edin Sued Abumanssur. 2017. 223f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa/ Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1989.

CARPENEDO, Manoela. Collective memory in the making of religious change: the case of ‘emerging Jews’ followers of Jesus. **Religion**, n.48, v.1, p. 83-104, 2017.

CONIB – Confederação Israelita do Brasil. FEDERAÇÃO ISRAELITA DO ESTADO DE MINAS GERAIS. História da Comunidade Judaica de Minas Gerais. Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.conib.org.br/comunidades/federacao-israelita-do-estado-de-minas-gerais/>. Acesso em: 30 jul. 2019.

COSTA, Rafael V. E. **O novo templo de Salomão: o projeto de expansão da Igreja Universal do Reino de Deus para o Brasil e o mundo**. Orientador: José Tadeu Batista de Souza. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Universidade Católica de Pernambuco, Recife.

ESCOLA DIANTE DO TRONO. Aula 31: “Israel, o que eu tenho a ver com isso?” Ferramenta online que disponibiliza aulas semanais através de vídeos e posteriores

transcrições de palestras, protagonizados pelos pastores Ana Paula Valadão e seu esposo, Gustavo Bessa. Acesso restrito a pessoas munidas de convite.

ESTRELA Oculta do Sertão. Documentário. Direção de Luize Valente e Elaine Eiger. Brasil, 2005. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gM53ECPiMkg>. Acesso em: 23 ago. 2021.

FERREIRA, Paula B. da S. F. L. Judaísmo messiânico, genealogia e agência: relações entre judeus e não judeus em sinagoga messiânica paulistana. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, n.1, v.39, p.15-35, 2019.

GALINKIN, Ana L. Judaísmo e Identidades judaicas. **Interações**, Belo Horizonte, n.4, v.3, p. 87-98, 2008.

GUIMARÃES, Marcelo M. Cidadania portuguesa para descendentes de judeus Sefaraditas: O que você precisa saber. Website **Ministério Ensinando de Sião**. Belo Horizonte, 04 de fevereiro de 2015a. Disponível em: <https://ensinandodesiao.org.br/artigos-e-estudos/cidadania-portuguesa-para-descendentes-dos-judeus-sefaraditas-o-que-voce-precisa-saber/>. Acesso em: 30 jul. 2021.

GUIMARÃES, Marcelo M. Discurso de Marcelo M. Guimarães na cerimônia inaugural pela criação do dia em memória das vítimas da Inquisição. **Museu da História da Inquisição**. Belo Horizonte, 06 de abril de 2015b. Disponível em: <http://www.museudainquisicao.org.br/artigos/discurso-de-marcelo-m-guimaraes-06/04/2015>. Acesso em: 30 jul. 2021.

GUIMARÃES, Marcelo M. Esperando pelo nosso Messias judeu. Website **Ministério Ensinando de Sião**. Belo Horizonte, 10 de janeiro de 2014. Disponível em: <https://ensinandodesiao.org.br/artigos-e-estudos/esperando-pelo-nosso-messias-judeu/> Acesso em: 26 jul. 2019.

GUIMARÃES, Marcelo M. O relacionamento entre judeus e gentios na igreja do primeiro século. Website **Ministério Ensinando de Sião**. Belo Horizonte, 18 de abril de 2012a. Disponível em: <https://ensinandodesiao.org.br/?s=O+relacionamento+entre+judeus+e+gentios+na+igreja+do+primeiro+s%C3%A9culo>. Acesso em: 26 jul. 2019.

GUIMARÃES, Marcelo M. Apelo aos marranos e cristãos-novos. **Ministério Ensinando de Sião**. Belo Horizonte, 12 de abril de 2012b. Belo Horizonte. Disponível em <https://ensinandodesiao.org.br/artigos-e-estudos/apelo-aos-marranos-e-cristaos-novos/>. Acesso em: 07 ago. 2021.

JOVEGELEVICIUS, Jayme C. **Entre a cruz e a estrela**: um estudo sobre algumas aproximações de setores evangélicos com o Judaísmo. Orientador: Emerson Giumbelli. 2018. 65f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Ciências Sociais), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

JUDEUS MESSIÂNICOS-BRASIL. Cuidado! **Israelitas**. Publicado em 26 de setembro de 2012. Disponível em: <http://judeusmessianicosbrasil.blogspot.com/2012/09/cuidado.html>. Acesso em: 23 ago. 2021.

KOLONTAI, Pauline. Messianic Jews and Jewish identity. **Journal of Modern Jewish Studies**, n.2, v. 3, p.195-205, 2004.

LIMA, Sarah. Terceira pedrinha: A Reconciliação – “Sexta-feira” noite 14.04.17. **Diante do Trono**. Belo Horizonte, 14 de abril de 2017. Disponível em: <https://diantedotrono.com/terceira-pedrinha-reconciliacao-sexta-feira-noite-14-04-17/>. Acesso em: 20 ago. 2021.

LINS, Wagner. **Cristãos-Novos e Novos-Judeus, velhas e novas identidades no estado da Paraíba**. Relatório de Projeto de Pós-Doutorado em Antropologia Social. Fapesp, 2013.

MAYNARD, Cândido L. S. **O dispensacionalismo e a utilização de símbolos judaicos nos cultos evangélicos**. Orientador: Marcos Silva. 2016. 132f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

MINISTÉRIO Ensinando de Sião. O que não somos. Disponível em: <https://ensinandodesiao.org.br/quem-somos/o-que-nao-somos/>. Acesso em: 23 ago. 2021.

ROSAS, Nina. **Cultura evangélica e dominação do Brasil: música, mídia e gênero no caso do Diante do Trono**. Orientadora: Cristina Maria de Castro. 2015. 265f. Tese (Doutorado em Sociologia), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

TOPEL, Marta. A inusitada incorporação do Judaísmo em vertentes cristãs brasileiras: algumas reflexões. **Revista Brasileira de História das Religiões**. V.4, p. 35-50, 2011.

TRAVASSOS, Deborah H. **Judaísmo Messiânico no Brasil e seus instrumentos de legitimação: a reinvenção do judaísmo ou uma nova religião?** Orientadora: Marta Topel. 2014. 208 f. Tese (Doutorado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas), Universidade de São Paulo, São Paulo.

TRAVASSOS, Deborah H. **O Judaísmo Messiânico no Brasil: A Beit Sar Shalom: Um estudo de caso**. Orientadora: Marta Topel. 2008. 140f. Dissertação (Mestrado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas), Universidade de São Paulo, São Paulo.

VALADÃO, Ana Paula. Entrevista na #TBN em #Jerusalém com o querido Pastor judeu messiânico #SamuelSmadja da @sareltours. 29 de setembro de 2015. **Instagram**. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/8N--WJsHL0/>. Acesso em: 23 ago. 2021.

ZANDONA, Matheus. Israel não está sozinho – Parashá Balák 2021/5871. Canal do YouTube. **Ministério Ensinando de Sião**. Belo Horizonte, 29 de junho de 2021a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ecglOvK0gpM>. Acesso em: 06 ago. 2021.

ZANDONA, Matheus. Quem Somos. Website **Ministério Ensinando de Sião**. Belo Horizonte. Disponível em: <https://ensinandodesiao.org.br/quem-somos> Acesso em: 29 de julho de 2021b.

ZANDONA, Matheus. O que não somos. Website **Ministério Ensinando de Sião**. Belo Horizonte. Disponível em: <https://ensinandodesiao.org.br/quem-somos/o-que-nao-somos/> Acesso em: 26 de julho de 2019a.

ZANDONA, Matheus. Os 22 anos da Congregação Har Tzion. Website **Ministério Ensinando de Sião**. Belo Horizonte, 10 de setembro de 2019b. Disponível em: <https://ensinandodesiao.org.br/artigos-e-estudos/os-22-anos-da-congregacao-har-tzion/> Acesso em: 07 de agosto de 2021.

ZANDONA, Matheus. O novo presidente do Brasil. Website **Ministério Ensinando de Sião**. Belo Horizonte, 28 de outubro de 2018. Disponível em: <https://ensinandodesiao.org.br/artigos-e-estudos/o-novo-presidente-do-brasil/> Acesso em: 06 ago. 2021.

ZANDONA, Matheus. Jerusalém e a hipocrisia do Ocidente. Canal do YouTube. **Ministério Ensinando de Sião**. Belo Horizonte, 11 de dezembro de 2017a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mw4pS1S6rjk>. Acesso em: 07 ago. 2021.

ZANDONA, Matheus. Restauração já! Website **Ministério Ensinando de Sião**. Belo Horizonte, 19 de abril de 2017b. Disponível em: <https://ensinandodesiao.org.br/artigos-e-estudos/restauracao-ja/>. Acesso em: 29 de julho de 2021.

Submetido em: 08/08/2021

Aprovado em: 09/08/2021

Publicado em: 10/09/2021